

Semíramis Corsi Silva
Rafael Brunhara
Ivan Vieira Neto
Organizadorxs

Compêndio Histórico de **Mulheres da Antiguidade**

Vol. I

**A Presença das Mulheres
na Literatura e na História**

**POETAS HELÊNICAS –
Giuliana Ragusa**

RAGUSA, G. *Poetas Helênicas*. In: SILVA, S. C.; BRUNHARA, R. & VIEIRA NETO, I. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História**. Goiânia: Tempestiva, 2021. pp. 739-745.

Esta separata é uma cortesia da Editora Tempestiva. Direitos autorais reservados às autoras e aos autores deste *Compêndio*, bem como o direito de compartilhar este conteúdo em suas redes acadêmicas e sociais. *Copyrights* reservados à Editora Tempestiva.



Tempestiva

SEPARATA

Editora Tempestiva, 2021
© Todos os direitos reservados.

Capa: Ivan Vieira Neto.

Revisão: Semíramis Corsi Silva.

Edição/diagramação: Ivan Vieira Neto / Wemerson Romualdo.

Imagem de Capa: A Greek Woman. Sir Lawrence Alma-Tadema (1869).

Óleo sobre tela. Imagem de domínio público (Wikimedia Commons).

Conselho Editorial

Profa. Dra. Aline Dias da Silveira	UFSC
Profa. Dra. Arlete José Mota	UFRJ
Profa. Dra. Camila da Silva Condilo	UnB
Prof. Dr. Carlile Lanzieri Júnior	UFMT
Profa. Dra. Cláudia Beltrão da Rosa	UNIRIO
Prof. Dr. Fábio Augusto Morales Soares	UFSC
Prof. Dr. Fernando Mattioli Vieira	UPE/Petrolina
Prof. Dr. Leonardo B. Antunes	UFRGS
Profa. Dra. Liliane Barros de Almeida	PUC Goiás
Prof. Dr. Uiran Gebara da Silva	UFRPE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SE471

Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História / Semíramis Corsi Silva, Rafael de C. Matiello Brunhara & Ivan Vieira Neto (org.). - Goiânia: Tempestiva, 2021.

ISBN 978-65-992343-5-4

1. Enciclopédia. 2. Compêndio. 3. Antiguidade. 4. Gênero. 5. História das Mulheres.
I. Silva, Semíramis Corsi. II. Brunhara, Rafael de C. Matiello. III. Vieira Neto, Ivan.

CDD: 930.09[.11]
CDU: 936(093)-055.2

ORGANIZADORES

Semíramis Corsi Silva,
Rafael Brunhara & Ivan Vieira Neto

COMPÊNDIO HISTÓRICO DE MULHERES DA ANTIGUIDADE

VOL. 1: A PRESENÇA DAS MULHERES
NA LITERATURA E NA HISTÓRIA

Prefácio de Pedro Paulo A. Funari

Tempestiva
Goiânia, 2021.

POETAS HELÊNICAS

por Giuliana Ragusa

Não errará quem nomear Safo como a mais célebre poeta da Grécia antiga. Inconteste é sua proeminência entre os poetas gregos e, entre as poetisas, ela detém fama imbatível, mal se vendo para além dela outra figura. Sua importância e influência são atestadamente comprovadas, e o mesmo vale para seu renome. Mas ela não está só.

Se na era arcaica (c. 800–480 AEC), o mais recuado período do que chamamos «Grécia histórica», Safo é a única poeta mulher de que temos conhecimento e cuja obra sobreviveu às vicissitudes dos séculos, chegando até nós, nas eras seguintes ela ganha a companhia de número expressivo de poetisas mulheres que se espalham pela geografia helênica, cujas obras, ainda que no mais das vezes em diminutos *corpora* hoje se nos apresentem, mostram engajamento na grande tradição poética grega e em variados de seus gêneros, notadamente, na mélica (ou lírica) —a canção para *performance* ao som da lira, em voz solo ou coral, no segundo caso, com dança e outros instrumentos—, cujo grande momento é a era arcaica, e no epigrama, com seus poemas breves, leves, elegantes, de ampla temática, na métrica dos dísticos elegíacos, cujo grande momento é a era helenística (323 AEC–31 AEC), embora já esteja em cena desde o século V AEC, pelo menos. Naquela época, foi impulsionado antes pela epigrafia do que pela poética, algo raro: ἐπίγραμμα [*epíγραμμα*] significa «letra sobre uma superfície, inscrição». Precisamente, pelo epitáfio —ἐπιτάφιον [*epitáphion*]—, a escrita sobre a pedra tumular da sepultura (τάφος [*táphos*]) que, a partir de c. 560 AEC, passa a

ser feito no metro até então característico da poesia elegíaca, o dístico elegíaco, em substituição ao hexâmetro próprio à poesia épica, que prevalecia na epigrafia tumular.

Voltemos às mulheres que nos verbetes deste capítulo são enfocadas. No grupo, acham-se «fazedoras de canções» (μελοποιοί [*melopoioí*]), uma das designações mais usadas para referir poetas da mélica, a poesia do μέλος ([*mélos*], «canção»): Safo, e na era clássica (c. 480–323 AEC), Telesila e Praxila, aqui contempladas, entre outras. Na era clássica tardia e na helenística, sobretudo, situam-se poetas destacadas no epigrama, como Erina, Anite e Mero, personagens destas páginas. Todas acham-se celebradas na poesia epigramática, como em conhecidos versos de Antípatro de Tessalônica (séculos I AEC – I EC), na coletânea *Antologia palatina* (IX, 26), que as nomeia como nove Musas entre os mortais, junto às mélicas Mirtes e Corina, e a Nóssis, uma das mais reputadas vozes no epigrama.

Em distinta posição das demais mulheres abarcadas neste capítulo, porque de tecelã de enigmas, de charadas, está Cleobulina, em fins da era arcaica, com seus desafiadores dísticos elegíacos. E em época distinta, porque bem posterior, a poeta Melino, na era imperial (31 AEC–476 EC), com suas estrofes líricas à moda de Safo.

A combinação desses nomes revela uma cartografia plural: a voz sáfica ecoa da ilha de Lesbos (Eólia), nos recuados anos de c. 680–530 AEC; a Argos (Argólida) e a Sícion (golfo de Corinto) conduzem-nos, respectivamente, as vozes de Telesila e de Praxila; a Tegeia (Arcádia, no Peloponeso), a de Anite; a Bizâncio (Ásia Menor), a de Mero. Da ilha de Rodes, da cidade de Lindos, os enigmas de Cleobulina nos desafiam. Talvez da Mitilene em que viveu Safo venha-nos Erina, ou de uma das ilhas Cíclades, a de Tenos. E de Roma ressoa a voz de Melino.

Há muitos outros nomes de poetisas mulheres — de que temos as obras ou não. Mas mesmo quando temos suas composições, seus conjuntos são realmente diminutos em geral, salvo pelos de Safo, de Corina e de Anite. Da primeira, restam pouco mais de 200 canções, mas fragmentárias, à exceção do «Hino a Afrodite» que, ainda assim, referimos como Fragmento 1. Da segunda, cerca de 35 fragmentos, sendo dois mais extensos, embora muito precários, e os demais, de não mais do que 6 versos. Da terceira, vinte e três epigramas. Já com relação a outras poetisas, a situação é ainda mais lamentável; alguns exemplos: de Telesila, há não mais do que mínimos fragmentos, um de dois versos, e quatro, de uma única palavra; de Praxila, quatro fragmentos — o maior, com três versos; de Mero, dois epigramas, e dois somente.

Quanto às suas vidas, vale para todas a afirmação de que são nebulosas, construídas em testemunhos antigos que, por entenderem a biografia como um gênero de discurso centrado na verossimilhança — e não na factualidade —, e por ouvirem nas composições, sobretudo em 1ª pessoa do singular, as vozes das pessoas empíricas do que são na verdade *personae*, vozes estilisticamente elaboradas na dimensão da representação, traçam antes anedotas e ficções biográficas do que relatos históricos confiáveis. Conhecer as figuras por detrás das obras é, pois, tarefa praticamente impossível, salvo por dados rarefeitos, contemplados no registro do possível do que da certeza. É o que os olhos que percorrerem estas páginas hão de perceber, em breve; é a realidade dos que se dedicam a estudá-las.

O escasso *corpus* que nos legaram essas mulheres todas aqui referidas, somado aos antigos testemunhos que, no caso de algumas, são tudo o que delas resta, evidenciam, ainda assim, elementos de suas poéticas, o diálogo com as tradições em que se inserem, a habilidade de suas elaborações. Permitto-me acrescentar alguns aos oferecidos nos verbetes, apenas para

encarecer junto a quem ora lê esta enciclopédia o universo poético que elas nos abrem. Começo por dois exemplares de duas poetisas que os verbetes dão a conhecer, Erina e Anite.

Da primeira, um epitáfio a Báucis, que se acha na *Antologia palatina* (VII, 710), à amiga enlaçada pela *mors immatura* — a morte precoce, que no auge de sua juventude e antes que atingisse a condição de mulher, pelo casamento consolidado, levou-a ao Hades. Eis o epigrama tumular em minha tradução (Ragusa 2020, p. 128), em que a morta fala às estrelas e às Sirenas, divinas cantoras, mulheres-pássaros, bem como à própria urna de suas cinzas:

Στᾶλαι καὶ Σειρήνες ἔμαί καὶ πένθιμε κρωσσέ,
 ὅστις ἔχεις Ἄϊδα τᾶν ὀλίγαν σποδιάν,
 τοῖς ἐμὸν ἐρχομένοισι παρ' ἠρίον εἶπατε χαίρειν,
 αἴτ' ἄστοι τελεθῶντ' αἴθ' ἑτεροπτόλιες·
 χῶτι με νύμφαν εὔσαν ἔχει τάφος, εἶπατε καὶ τό·
 χῶτι πατήρ μ' ἐκάλει Βαυκίδα, χῶτι γένος
 Τηλία, ὡς εἰδῶντι· καὶ ὅτι μοι ἄ συνεταιρῖς
 Ἕρινν' ἐν τύμβῳ γράμμ' ἐχάραξε τόδε.

Ó estrelas e Sirenas minhas, e tu, lamentada urna
 que a Hades encerras minha pouca cinza,
 dizei «salve» aos vindos à minha tumba,
 sejam cidadãos, sejam de cidades outras.
 Dizei-lhes, que saibam! A tumba me detém noiva, e meu
 nome — meu pai me chama Báucis, e da estirpe
 de Telia sou. É também que a minha amiga
 Erina em minha tumba gravou estas palavras.

Como inscrição se anuncia o epigrama no verso final, da lavra de Erina — suas são as palavras (*grámma*) no túmulo (*týmbōi*) da amiga, declara Báucis, no derradeiro verso.

De Anite, em epigrama da *Antologia palatina* (VII, 190) o singelo lamento de uma menina a quem Hades impõe a morte de seus dois insetos de estimação — animais desse tipo sendo como não antes trabalhados na estética helenística. Cito minha tradução do epitáfio (Ragusa 2020, 132):

Ἄκρίδι, τῶ κατ' ἄρουραν ἀηδόνι, καὶ δρυοκοίτῃ
τέπιγι ξυνὸν τύμβον ἔτευξε Μυρῶ,
παρθένιον στάξασα κόρα δάκρυ· δισσὰ γὰρ αὐτᾶς
παίγνι' ὁ δυσπειθῆς ὤχετ' ἔχων Αἴδας.

Para seu gafanhoto, dos prados o rouxinol, e sua cigarra habitante do carvalho Miro fez tumba comum, a menina, virginais lágrimas derramando. Pois dela os dois bichinhos de brincar tomando, implacável Hades os levou.

De Nóssis, voz de Lócris (Magna Grécia), em atividade no início do século III AEC, os versos amatórios do epigrama 170, incluído na *Antologia palatina* (V), que ora traduzo, e que trazem *érōs* e Afrodite, deusa afamada pelo culto em Chipre:

Ἄδιον οὐδὲν ἔρωτος· ἃ δ' ὄλβια, δεύτερα πάντα
ἐστίν· ἀπὸ στόματος δ' ἔπτυσσεν καὶ τὸ μέλι.
τοῦτο λέγει Νοσσίς· τίνα δ' ἃ Κύπρις οὐκ ἐφίλησεν,
οὐκ οἶδεν τήνα γ', ἄνθεα ποῖα ῥόδα.

Mais doce que a paixão, nada! Venturas, em segundo lugar todas! E da boca cuspi também o mel. Isto diz Nóssis: aquela a quem Cípris não amou, não sabe — não! — que flores as rosas são.

De Corina, enfim, poeta de Tânagra —na Beócia, região do continente grego— cuja datação oscila entre a era clássica e a helenística, cito uma canção que ecoa as da mélica coral arcaica, destinadas à *performance* em festivais cívico-cultuais, ocasião que era uma das principais, junto ao simpósio, para a circulação da poesia na «cultura da canção» prevalente na Grécia de c. 800 a 400 AEC, vale dizer. Em verdade, o trecho inicial de um fragmento da canção perdida (Fr. 655 Page), a, sob os auspícios da Musa Terpsícore («Prazer da dança»), convidar ao canto-conto as mulheres de sua cidade e toda ela (Ragusa 2020, 126–127):

ἐπί με Τερψιχόρα [
καλὰ Φεροῖ' ἄισομ[έναν
Ταναγρίδεσσι λε[υκοπέπλυς
μέγα δ' ἔμῃς γέγ[αθε πόλις
λιγουροκω[τί]λυ[ς ἔνοπῃς.

... sobre mim, Terpsícore ...
belos contos a cantar
às tanagrenses de alvos peplos
e grandemente se alegra a cidade
com minha clarivída voz.

Nestas e noutras poetas mulheres, o que vemos é o engajamento com as tradições às quais se alinharam e pelas quais se celebrizaram, sem terem se restringido a grupos secretos ou exclusivos, nem tampouco integrado uma tradição separada e segregada, de influência restrita. Se pouco delas sabemos, se pouco delas temos, ainda assim podemos vislumbrar a variedade de metro, matéria e adequação (linguagem, tom, destinação) — a tríade que orienta a composição da poesia antiga, que é em essência poesia de gêneros e de práticas suficientemente constantes para serem reconhecidas e revalidadas a cada poeta que delas se vale, e que a elas se filia para justamente colocar-se na tradição e nela emergir como nome representativo entre seus pares. E os testemunhos que delas nos falam — e algumas, com muita frequência, ou com densas e intrincadas construções — afirmam-nas como parte disso que chamamos «poesia grega antiga». Trazê-las à cena, a despeito de seus parcos *corpora*, é enriquecer o olhar para essa poesia. E é, igualmente, dar justo relevo à produção poética por vozes femininas, que tão bem se fizeram ouvir na Hélade, e que só agora mais amiúde e mais nítidas se fazem ouvir entre nós.

Fontes históricas

POETESSES GRECQUES: SAPPHO, CORINNE, ANYTE...1998. Introdução, Tradução e notas de Y. Battistini. Paris: Imprimerie Nationale.

POETAE MELICI GRAECI. 1962. Edited by D. L. Page. Oxford: Clarendon.

THE GREEK ANTHOLOGY. 1958–1960. 16 vols. Translated by W. R. Patton. Cambridge: Harvard University Press.

Obras referências

BING, P.; BRUSS, J. S. 2007. Introduction to the study of Hellenistic epigram. In: BING, P.; BRUSS, J. S. (Eds). *Brill's companion to Hellenistic epigram*. Leiden: Brill, p. 1–26.

BOWMAN, L. 2004. The “women’s tradition” in Greek poetry, *Phoenix*, vol. 58, n. ½, p. 1–27.

BRUSS, J. S. 2010. Epigram. In: CLAUSS, J. J.; CUYPERS, M. (Eds.). *A companion to Hellenistic literature*. Malden: Wiley-Blackwell, p. 117–135.

KLINCK, A. L. 2008. *Woman's song in ancient Greece*. Montreal: McGill-Queen's University Press.

RAGUSA, G. 2020. Nove Musas mortais: as poetas da Grécia antiga, *Revista do Centro de Pesquisa e Formação – SESC*, 11, p. 113–136.

RAGUSA, G. 2021. Introdução – Outras poetas. In: RAGUSA, G. (Org., trad.). *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas*. 2ª edição revista, ampliada, atualizada, bilíngue. São Paulo: Editora Hedra, p. 49–57.